

Resenha

Prof. Dr. Antony Cardoso Bezerra¹ (UFRPE-UFPE)

SANTOS, Joelma Gomes dos. **O Narratário**: um estudo de seu papel na construção de João Vêncio: os seus amores, de José Luandino Vieira. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009. 137 p. (Coleção «Praxis», 18.)

«João Vêncio é um grande contador de estórias. Conhece todos os truques da arte. Sabe como estimular o interesse de quem o ouve, como graduar as informações, como simular distração. Sabe, acima de tudo, como toda a sua arte será em vão sem a presença de um interlocutor, atento, interessado. Uma estória, para viver, tem de fundamentar-se nesse binômio. E se o interlocutor não se limita a um papel neutro, tanto melhor.» (MARTINHO, 2004, p. 10.)

Joelma Gomes dos Santos é licenciada em Letras pela Universidade Salgado Oliveira (*Campus* Recife) e mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), instituição em que, atualmente, realiza estudos para doutorar-se também em Teoria da Literatura. Trabalhou como docente em instituições privadas de Ensino Superior. Publicou trabalhos na área de Literaturas Africanas Lusófonas, com especial destaque para a narrativa de ficção angolana. Possui, ainda, várias participações em eventos acadêmico-científicos, apresentado resultados de investigações que versam sobre as áreas mencionadas.

O livro que ora se aborda é resultado da dissertação que Santos defendeu no contexto do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE em fevereiro de 2009 e repercute uma pesquisa que a A. realizou por mais de três anos.

O volume **O Narratário**: um estudo de seu papel na construção de João Vêncio: os seus amores, de José Luandino Vieira é prefaciado pelo Prof. Dr. Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE), que foi o orientador de Santos por ocasião do mestrado. No texto «Uma Literatura que não Precisa Pedir Licença», o docente tece considerações acerca das usuais abordagens recebidas por textos de escritores de culturas periféricas (caso de Luandino Vieira) e salienta o fato de a A. dar as costas à condenável prática de se reduzir a análise do texto literário a «um determinado contexto sócio-político-econômico» (VIEIRA, 2009, p. 10). Santos, diferentemente, volta-se para a análise da construção narrativa do romance **João Vêncio**: os seus amores, demonstrando que a prosa de ficção do romancista angolano «não é apenas um documento que se revela uma

“alegoria nacional” e, como tal, [...] representação incontroversa da realidade do seu país [...]» (VIEIRA, 2009, p. 13.)

O estudo de Santos é, ainda, antecedido por uma «Apresentação» da Profa. Dra. Cristina Botelho, da Universidade de Pernambuco, que foi uma das arguidoras da então mestrandia, quando da realização da banca de defesa da dissertação. Botelho evidencia a importância do estudo em tela, haja vista a «lacuna ainda existente na fortuna crítica do escritor angolano» e, mais que isso, a necessidade de se divulgar a Literatura Africana Lusófona no contexto brasileiro, uma vez que a Lei 10.639 (9 jan. 2003) prevê o enfoque a elementos da cultura africana em escolas do País (BOTELHO, 2009, p. 18).

O saldo do exame de Santos está dividido em três caps., intitulados, na sequência, «O Lugar de Luandino Vieira na Literatura Angolana» (cap. 1), «Narrativa de Ficção» (cap. 2) e «João Vêncio: os seus amores» (cap. 3). Vale assinalar, desde já, que a A., habilmente, faz com que as etapas de seu trabalho se integrem e que a divisão indicada, sistematizadora da discussão, não converta as seções em ilhas; i. é, teorização, reflexão crítica e análise do texto literário permeiam a totalidade do livro, o que denota a segurança com que Santos trabalha o manancial de informações de que dispõe.

No cap. 1, trabalha-se o projeto literário de Vieira no contexto angolano. Neste momento em que a A. se esquia de oferecer explicações sociais ou históricas que não se relacionem intimamente com o fazer artístico. Assim, verifica-se a conjuntura do país africano que, no séc. 20, antecede o debut literário do ficcionista, com referência particular à chamada «Geração Mensageira», uma influência significativa na produção do autor de **João Vêncio: os seus amores**. É importante notar que, já nesta parcela do livro, apresentam-se em conjunção informações e juízos oferecidos por críticos (p. ex.: Trigo, Erverdosa *et al.*) a relatos do autor investigado, numa proposta de exposição que ajuda a situar Luandino Vieira na Literatura e na cultura do seu país.

O subtópico 1.1 é o estádio em que, a partir das considerações da crítica Chaves, a A. problematiza a associação entre História e Literatura no discurso do romancista, recorrendo, para proceder ao inquérito, a obras que não apenas **João Vêncio: os seus amores** – nomeadamente, **Nós, os do Makulusu**. Trata-se de prática que revela leituras analíticas capazes de transcender o objeto de estudo declarado do livro ora resenhado, as quais, por certo, enriquecem o dimensionamento do projeto estético de Vieira. Ainda em 1.1, ensaia-se um exame conceitual da controversa relação entre discurso histórico e discurso ficcional, com a contemplação de teóricos como Lima e Ricœur. Em decorrência da gama de implicações que um tal paralelo possa levantar, acaba por ser considerado com certa simploriedade, traduzida numa oposição que se vem a estabelecer entre «realidade histórica» e «realidade ficcional» (SANTOS, 2009, p. 48).

Talhado para conceituar – fundamentalmente, à luz de um instrumental oferecido pela Narratologia – os conceitos-chaves atinentes ao modo narrativo e, particularmente, a figura do narratário, o cap. 2 não se limita a tal papel. Em verdade, vai muito além dele, especialmente em decorrência do fato de Santos se recusar à teorização como um fim em si própria, trabalhando-a sem nunca perder de vista as particularidades de seu objeto de estudo. Ademais, ao invocar narratólogos tais como Rimmon-Kenan, Tacca, Scholes & Kellogg, Adam & Revaz, Todorov *et al.*, é capaz de ser metódica e, efetivamente, guiar o leitor no deslinde das estruturas que integram a narrativa, como se vê, p. ex., na passagem em que se apresentam os elementos essenciais a um texto pertencente a esse modo – enredo, personagem, tempo, espaço e narrador (SANTOS, 2009, p. 60-62); afora o narratário, que, por ser o centro das preocupações do trabalho, tem a ele dedicados os subtópicos 2.1.1 («Narratário: os sinais»), 2.1.1.1 («Funções») e 2.1.1.2 («Tipologia»). Para tal, são visitadas com mais frequência as propostas de Prince e de Genette – espécies de arautos para Santos –, ainda que teóricos como Reuter, Bakhtin e Bourneuf & Ouellet também tenham espaço.

Em similaridade a problema já indiciado quando se apresentou o subtópico 1.1 (o que diz respeito aos discursos histórico e ficcional), também na discussão sobre narratário sente-se uma certa lacuna ocasionada pelo fato de a A. não expor um modelo sustentável que distinga, linguisticamente, os planos da realidade e da ficção, o que reverbera em pequenas imprecisões na classificação dos tipos de receptores do texto ficcional. É provável que a recorrência a algum modelo pragmático de comunicação ficcional – caso de Adams (1985), para se ficar em apenas um ex. – equacionasse o estatuto das modalidades discursivas em tela. Bom assinalar que se trata, esse, de reparo de pouca monta, em especial se se atentar para uma outra qualidade inegável de Santos: a capacidade de fazer transitar o conceito teórico para o texto literário, conforme se vê, p. ex., no momento em que as considerações de Prince acerca do narratário são, já num «cap. teórico» (2), pertinentemente ilustradas pelo objeto de estudo da A., **João Vêncio**: os seus amores (SANTOS, 2009, p. 73; p. 77). Essa atividade parece muito apropriada, uma vez que exemplos alienígenas ao universo com que se trabalha – a narrativa de ficção de Luandino Vieira – não contribuiriam tão claramente à compreensão do quadro crítico que se pretende pintar.

A coroação das discussões empreendidas nos caps. 1 e 2 vem no cap. 3, quando a A. recupera as pontuações acerca do projeto estético do escritor e os conceitos de Narratologia enfocados para, por meio de uma leitura muito próxima ao texto ficcional, deslindar as funções cabíveis ao narratário do romance, o «muadié».² Após uma breve exposição do percurso editorial do livro, Santos comenta uma quantidade expressiva de passagens da narrativa que revelam (a) a presença expressa de um narratário como ouvinte de João Vêncio (narrador autodiegético) e (b) a

função exercida pelo narratário, seja na configuração da personagem-título, seja, mesmo, na própria arquitetura da narrativa. Bom é evidenciar que, também conforme se dá no cap. 1, no cap. 3 outras obras de Vieira que não o objeto de estudo são comentadas; neste caso, o romance **O Segredo da Morta** (SANTOS, 2009, p. 96-97). Mais recorrente neste cap., um expediente de que lança mão a A. parece bem-vindo no sentido de guiar o leitor na recepção crítica da narrativa analisada: a explicação, em notas de rodapé, dos lexemas empregados pelo escritor que são particulares do contexto angolano.

No desfecho do cap. 3 e nas «Considerações Finais», Santos informa quais as funções particulares exercidas pelo «muadié», o narratário de **João Vêncio**: os seus amores. De um lado, o desnudamento das marcas do interlocutor ficcional consiste num «recurso utilizado pelo autor para acentuar ou por [*sic*] em evidência também o ato de narrar.» (SANTOS, 2009, p. 106.) De outro,

Como elemento implicador na economia do romance, o *muadié* assume ainda um papel mais relevante. É grande sua parcela de participação na decisão de prolongar ou reduzir a extensão da narrativa, por permitir-nos ter acesso a mais ou menos detalhes do relato que nos chega através da voz de João Vêncio. Ao longo da conversa, o referido narrador precisa conquistar e manter a atenção do seu interlocutor. (SANTOS, 2009, p. 107.)

Nesse sentido, caberia ao narratário, ainda mais, a tarefa de suscitar os próprios temas que se abordam na conversação. Vê-se, em evidência, que a A. se nega a propor ilações de cunho impressionista ou mesmo que desprezem a mediação do ficcional: o discurso de Vieira é levado em consideração como material literário-ficcional e é nesse plano que as conclusões são válidas, sem que, por isso, desimpliquem-se as dimensões histórica e social, reinvestidas por Santos quando da inserção do romance analisado num projeto estético.

Para além da inegável contribuição – tanto para os estudos acerca do narratário, quanto para aqueles que dizem respeito à ficção de Luandino Vieira – trazida pelas reflexões expostas nos três caps. do livro, tem-se, ao final da obra, um anexo o qual transcreve entrevista exclusiva que a A. realizou com Luandino Vieira. No diálogo, levantam-se questões atinentes a gêneros literários, cenários dos livros do autor, sua experiência com editoras, a importância da Literatura Brasileira, a conjuntura política de Angola, o papel da Literatura *etc.* Sem dúvida, trata-se, também este, de um manancial de informações para aqueles que estudam a obra de Vieira ou querem ter uma compreensão mais ampla do papel exercido pela Literatura no contexto do país africano.

Escrito numa linguagem clara e fluente, o livro, entretanto, apresenta uma quantidade considerável de problemas tipográficos, particularmente no que diz respeito à pontuação e à

padronização gráfica, bem como passagens repetidas (cf. SANTOS, 2009, p. 52). Além disso, há inconsistências de referenciação que se deveria evitar, como, p. ex., a não inclusão na «Bibliografia» de pelo menos meia dúzia de autores citados ao longo da obra. Outro senão diz respeito à ciclotimia de critérios usados para a tradução de originais em outras línguas que não o Português: em alguns momentos, a A. verte os textos ao Português sem qualquer sinalização; em outros, aparecem original no corpo do texto e tradução em nota de rodapé.

No que diz respeito ao trabalho de edição, tem-se um volume bem-cuidado e de boa legibilidade, ainda que a ausência de ISBN – inadmissível num livro com tal qualidade gráfica e editado pela prestigiosa União dos Escritores Angolanos – apresente-se como pendência de certa gravidade. Não são esses, no entanto, fatores que venham a desabonar – em qualquer sentido que seja – a validade do livro. Mas que o registro sirva de alerta para que futuras reedições sejam depuradas dos referidos problemas.

Já pela recusa da A. em trabalhar as questões de que se ocupa tendo por pauta problemáticas que só tangencialmente se agregariam à dimensão do ficcional – identidade nacional, questões político-ideológicas *etc.* –, **O Narratário** tende a interessar não apenas os que trabalham questões referentes à Literatura Angolana (em sentido lato) e à produção de Vieira (em sentido estrito), mas, também, todo aquele que se dedique ao estudo da narrativa de ficção, notadamente, pesquisadores do aspecto indicado no título do livro, que, de fato, em raras ocasiões é objeto de investigações. Sendo assim, estudantes e professores de Literatura – e mesmo o público diletante que tenha curiosidade sobre os aspectos referentes à elaboração da narrativa de ficção – lucrarão com a leitura do livro ora resenhado.

Referências

ADAMS, Jon-K. **Pragmatics and Fiction**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

BOTELHO, Cristina. Apresentação. *In*: SANTOS, Joelma Gomes dos. **O Narratário**: um estudo de seu papel na construção de João Vêncio: os seus amores, de José Luandino Vieira. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009. p. 17-18.

MARTINHO, Fernando J. B. Prefácio. *In*: VIEIRA, José Luandino. **João Vêncio**: os seus amores: romance. Lisboa: Caminho, 2004. p. 7-26.

SANTOS, Joelma Gomes dos. **O Narratário**: um estudo de seu papel na construção de João Vêncio: os seus amores, de José Luandino Vieira. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. Uma Literatura que não Precisa Pedir Licença. *In*: SANTOS, Joelma Gomes dos. **O Narratário**: um estudo de seu papel na construção de João Vêncio: os seus amores, de José Luandino Vieira. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009. p. 7-15.

VIEIRA, José Luandino. **João Vêncio**: os seus amores: romance. Lisboa: Caminho, 2004.

¹ **Antony Cardoso BEZERRA, Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.**

Professor Adjunto de Literatura Portuguesa, Licenciatura em Letras, Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Líder do Grupo de Investigações em Filologia Ibérica.

Pesquisador do Núcleo de Teoria e Crítica.

² Conforme os «Apontamentos para um Glossário para Uso Exclusivo do Autor», «Muadié (do quimbundo *muadi*): Senhor; amo; patrão.» (VIEIRA, 2004, p. 93.)